

A CRÍTICA EM TEMPO DE LUTO:  
40 ANOS SEM CLARICE E A TRADUTORA VISTA DE LONGE<sup>1</sup>

*LA CRÍTICA EN EL TIEMPO DE LUTO:*  
*40 AÑOS SIN CLARICE Y LA TRADUCTORA VISTA DESDE LEJOS*

*THE CRITICAL IN GRIEF TIMES:*  
*40 YEARS WITHOUT CLARICE LISPECTOR, A TRANSLATOR SEEN FAR WAY*



Rony Márcio Cardoso FERREIRA\*  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Resumo:** Pode-se dizer, sem sombra de dúvidas, que a crítica especializada em Clarice Lispector se encontra pela segunda vez, neste início de século, em um momento fatídico de sua história: a hora de renovação do luto. Devido à morte da autora de G.H., a atitude tomada pelos críticos em 2017 tem propiciado o surgimento de novos textos críticos a respeito da escritora e de sua produção. A setuagenária crítica clariceana rememora, com todas as pompas e circunstâncias, os 40 anos do adeus da partida, os 40 anos da “saída discreta pela porta dos fundos”, os 40 anos da publicação de *A hora da estrela*. Nesse bojo, além de se avultarem “novas” leituras, o volume da fortuna até agora acumulado só tende a aumentar, robustecendo ainda mais a já consolidada crítica que elegeu Clarice como objeto de desejo. Em virtude desse momento, o presente artigo propõe algumas considerações sobre o (não)lugar ocupado pela tradutora no âmbito crítico, ainda que em tempos de luto. Para tanto, esta reflexão se voltará a uma breve noção de crítica no contexto brasileiro contemporâneo, bem como a um inventário da fortuna construída por especialistas que se voltaram à escritora enquanto tradutora ao longo da história, na intenção de evidenciarmos o quanto o seu ofício tradutório ficou à espera de uma leitura mais apurada por quase 70 anos. Longe de endossarmos um coro piegas que lacrimaria a partida da escritora, esta reflexão se interessa pelo espectro mais esquecido de Clarice (o de tradutora), fazendo de nosso trabalho de luto um meio para conceder vida e visibilidade à tradutora na história de sua crítica e na constituição da grande escritora brasileira da prosa intimista. Em sentido complementar, esta intervenção se interessa sobre o “quanto ao futuro” da crítica, principalmente em sua passagem pela renovação do adeus.

**Palavras-chave:** Crítica. Luto. Tradutora. Escritora. Clarice Lispector.

**Resumen:** Se pude decir, sin sombra de dudas, que la crítica especializada en Clarice Lispector, se encuentra, por segunda vez, en este inicio de siglo, en un momento fatídico de su historia: la de renovación del luto. Debido a la muerte de la autora de G.H., la actitud tomada en 2017 tiene propiciado el surgimiento de nuevos textos a respecto de la escritora y de su producción. La septuagenaria crítica clariceana rememora, con todo su requinte, los 40 años de la despedida, los 40 años de una “salida discreta por la puerta detrás”, los 40 años de la publicación de *La hora de la estrella*. Con eso, y además de su abultar “nuevas” lecturas, el volumen de la fortuna hasta ahora se acumula y tiende a aumentar, robusteciendo, aún más, a la ya consolidada crítica que eligió Clarice como objeto de deseo. En virtud de ese momento, el presente texto propone algunas consideraciones sobre el *no(lugar)* ocupado por la tradutora en el ámbito crítico, aunque sea en los tiempos de luto. Para eso, esta reflexión se dedicará a una breve noción de la crítica en el contexto brasileño contemporáneo, bien como a un inventario de la fortuna construida por especialistas que se consagraron a la escritora como traductora a lo largo de la historia, en la intención de evidenciar cuanto su oficio de traductora permanece a la espera de una lectura más apurada por casi 70 años. Lejos de endosar un coro melodramático que lagrimearía la partida de la escritora, esta reflexión se interesa por el espectro más olvidado de Clarice (lo de traductora), haciendo de nuestro trabajo de luto un medio para conceder vida y visibilidad a la traductora en la historia de su

crítica y en la constitución de la gran escritora brasileña de prosa intimista. En sentido complementar, esta intervención se interesa acerca “del porvenir” de la crítica, principalmente en su pasaje por la renovación del adiós.

**Palabras clave:** Crítica. Luto. Traductora. Escritora. Clarice Lispector.

**Abstract:** The aim of this article is to present Clarice Lispector as a translator, the most forgotten spectrum of this writer. Far to be overemotional choir, we present our grief research as a way to give birth and visibility to the translator's life in Clarice's critical. As a way to constitute Clarice Lispector as a great Brazilian intimist novel writer, we endorse the critical. In a complementar sense, this research has as a goal the critical's "speculation of the future". Mostly, in its renewal of this goodbye to the writer. We put ourselves in this intention not be overemotional. Without doubts, the specialized critics on Clarice Lispector is, in a second time, in a renovation of grief. It happens in occasion to the G. H. author's death. Then, the criticals attitude, in 2017, has given the opportunity to "new" critical texts about the writer herself and her production. Seventieth critics of Clarice celebrates, the 40 years of her departure, the 40 years of "The hour of the star". In this sense, "new" readings come up, toughen much more Clarice as a desire object. Due to this grief moment, we propose some consideration about this place (or invisible place) where the Clarice translator is placed by the critics. In order to aim the objectives, this this research will presents: a) the critical notion in contemporary context of Brazil; b) the reflection of the critics that are built on a Clarice as a translator in the course of history. We aim to put in evidence that Clarice work as a translator was waiting for deeping readings over almost 70 years.

**Key-words:** Critical. Grief. Translator. Writer. Clarice Lispector.

Quando eu morrer, umas pessoas vão ter saudade de mim. Mas só isso (LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 277).

Não há nenhum sinal do luto interiorizado.

É a realização da interioridade absoluta. No entanto, todas as sociedades *sábias* prescreveram e codificaram a exteriorização do luto.

(BARTHES. *Diário de luto*, p. 151 – grifo do autor).

72

A crítica especializada em Clarice Lispector se prepara pela segunda vez, neste início de século, para mais um momento fatídico de sua história: a renovação de seu luto. Devido à morte da autora de G.H., em 1977, a atitude tomada em 2017 tem possibilitado o surgimento de novos textos críticos a respeito da escritora e de sua produção, bem como robustecido o arquivo das páginas críticas sobre Clarice Lispector tanto no cenário nacional quanto internacional. A setuagenária crítica clariceana rememora, com todas as pompas e circunstâncias, os 40 anos do adeus e da partida, os 40 anos da “saída discreta pela porta dos fundos”, os 40 anos da publicação de *A hora da estrela*. Além de se avultarem “novas” leituras, o volume da fortuna até agora acumulado aumenta, fortalecendo ainda mais a já consolidada crítica que elegeu Clarice e sua produção como objetos de desejo.

Se, por um lado, lembra-se a partida da escritora e concede-se à figura de Clarice uma aura espectral por excelência, por outro, a intensidade do luto parece apenas verificável naquele que ficou: o discurso da própria crítica. Talvez, por isso, Roland Barthes (2011) tenha afirmado que “todos calculam – eu sinto – o grau de intensidade do luto. Mas é impossível (sinais irrisórios e contraditórios) medir quanto alguém está atingido” (BARTHES, 2011, p.

10). Sob essa perspectiva, arriscaríamos constatar a impossibilidade de se medir o quanto a crítica clariceana se encontra atingida, neste ano, pela morte de Lispector. Em outras palavras, seguindo o pensamento barthesiano presente em *Diário de luto* (2011), diríamos que a crítica experimenta uma “doença” (Cf. BARTHES, 2011, p. 25) que oscila entre um velar no desespero e as mais triviais de suas preocupações, a qual transita de um estado estático (a repetição da dor) a um movimento que promove vida, ou, como alega Barthes: “não suprimir o luto (a dor) [...], mas mudá-lo, transformá-lo, fazê-lo mudar de um estado estático [...] a um estado fluido” (BARTHES, 2011, p. 139).

Nessa conjuntura, em “estado fluido” (BARTHES, 2011, p. 139), mais uma vez se proclama o feito de Lispector nas letras brasileiras e se rememorara o lugar da prosa intimista, do fluxo de consciência, do monólogo interior e do momento epifânico magistralmente problematizados pela escritora em sua prosa desde a década de 1940. Enquanto de um lado a (re)lembração da partida dá uma vida a mais, por meio da leitura crítica, à obra da escritora (exercício esse louvável e digno de ser feito), de outro vê-se pulular um discurso monocórdico cujo timbre tende a uma repetição acrílica de leituras cristalizadas, que perdem a vez e a hora de ler a produção da intelectual a partir do presente<sup>2</sup>. Apesar das consistentes e importantes páginas da crítica que veicularam os papéis de jornalista, pintora, cronista, entre outros, encenados por Clarice ao longo da vida, ainda faltavam até certo tempo estudos mais pontuais e substanciosos que se voltassem às mais de 40 traduções assinadas por Lispector no decorrer de 36 anos.

Assim, não resta dúvida, quando nos voltamos à história da crítica clariceana, que a tradutora ocupou durante anos um (não)lugar no discurso crítico até mesmo em memoráveis tempos de luto, semelhantes a este pelo qual passamos agora. Em meio à multiplicidade de leituras que emergiram no decorrer do século XX, o ofício da tradutora se viu apagado, ou melhor, deixado de lado, quando se pensou na configuração do projeto literário e intelectual de Clarice como um todo. Em outras palavras, as 46 traduções assinadas por Lispector, somente pela quantidade, já evidenciam a importância de tal ofício quando se projeta criticamente um perfil da escritora brasileira. Essa constatação, desde já, apenas reitera o que a boa e velha crítica já disse: só podemos falar da “bruxa da literatura brasileira” (Cf. SANT’ANNA, *apud* MOSER, 2009, p. 510) a partir de um traço plural.

Nesse sentido, mesmo com uma fortuna crítica digna de menção, podemos dizer que faltava até 2013, ano em que iniciamos nosso projeto de pesquisa de doutoramento, um trabalho mais alentado na história da crítica clariceana sobre o papel de Lispector como

---

FERREIRA. *A crítica em tempo de luto: 40 anos sem Clarice e a tradutora vista de longe. Belas Infêis*, v. 6, n. 2, p. 71-87, 2017.

tradutora. Antes de tudo, tratar desse papel é, no mínimo, trazer à reflexão crítica a Clarice tradutora que se viu apagada em vários livros, teses e dissertações a respeito da escritora brasileira. Esse apagamento era totalmente perceptível há quatro anos, quando acessávamos o Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior). Nesse Banco, que reúne os resumos e informações básicas a respeito das pesquisas de mestrado e doutorado defendidas no Brasil a partir de 1987, quando pesquisado no critério assunto “Tradução Clarice Lispector”, apareciam cerca de 30 trabalhos defendidos nos Programas de Pós-graduação no Brasil, sendo que nenhum deles trata, especifica e exclusivamente, do papel de Clarice Lispector como tradutora.

As pesquisas cadastradas, quando se ocuparam da tradução, voltaram-se basicamente para as questões da tradução intersemiótica dos textos literários de Clarice para outros suportes e da tradução dos textos da escritora para outras línguas. Isso reiterou, à época, o que André Luís Gomes já tinha detectado em 2007: “Se a produção de Clarice Lispector na imprensa já foi em grande parte publicada e motivou pesquisas, *a atividade como tradutora merece ainda estudo*. Vale ressaltar que Clarice foi primeiramente admitida na imprensa como tradutora” (2007, p. 74 – grifo nosso). Por mais que a futura escritora tivesse se lançado à tradução antes mesmo de publicar seu primeiro romance, esse ofício carecia de certa atenção. De lá pra cá, alguns trabalhos foram desenvolvidos, porém um questionamento continuou ainda a pulular: qual o lugar da tradução quando se põe em pauta o projeto literário e intelectual de Lispector?

Talvez, se vista superficialmente, essa questão pareça em nada implicar na projeção da escritora durante o Brasil do século XX. Porém, se refletida com mais atenção, sobretudo a partir das aberturas as quais se propuseram os estudos da tradução e os estudos literários comparados contemporâneos, a indagação evidencia que quando a crítica se ocupa dos passados esquecidos, desconsiderados ou não ditos (lembremo-nos que o “não dizível” é uma problemática frequente na literatura da escritora), sobretudo a respeito de uma intelectual como Clarice Lispector, novas possibilidades de leitura podem se fazer coerentes até mesmo dos textos mais clássicos possíveis. Em outras palavras, parece-nos tarefa/dever da crítica contemporânea não só falar de seu presente, mas também falar a partir de seu presente, fazendo com que o agora e o antes se iluminem mutuamente e possibilitem avanços teóricos e epistemológicos.

Por isso, três questionamentos básicos se interpuseram quando nos voltamos aos exercícios de tradução de Clarice Lispector: 1. O que, quando e por que a escritora traduziu?;

2. A crítica especializada (não) tratou dessas questões?; 3. Qual a noção de tradução levada a cabo por Clarice em distintos momentos de seu projeto literário (Cf. FERREIRA, 2016). Depois de respondidas as questões norteadoras, pudemos observar que tal projeto não passou incólume face aos seus exercícios de tradução. Em outras palavras, se o lugar ocupado por Clarice Lispector no cenário da literatura brasileira mostrou-se significativo, tanto pela forma com a qual (re)inaugura uma nova tendência na prosa, quanto pela quantidade de volumes publicados e reeditados até a contemporaneidade, pareceu-nos também considerável e digna de reflexão a quantidade de traduções assinadas pela escritora que apareceu no mercado editorial brasileiro. Se, de um lado, a escritora é reconhecida e a natureza de seus textos traz em si inscrita a rubrica de sua assinatura, de outro, a autoria de tais traduções colocaram colocou o discurso crítico, quase sempre, num lugar de suspeição, sobretudo devido ao volume e à diversidade de obras que apresentam o nome “Clarice Lispector” como tradutora.

Essa dificuldade exata de confirmação quanto aos volumes que foram realmente traduzidos pela autora parece ser um “claro enigma”, para lembrarmos Drummond, que dormita no seio da crítica. Enquanto alguns estudiosos enumeram todos os volumes sem propor, por exemplo, uma reflexão sobre os mais de 10 títulos publicados e assinados pela tradutora em um único ano (1975), outros se satisfazem em apenas afirmar categoricamente que não foi Clarice quem realmente traduziu todas as obras, apostando, sem comprovações pontuais, numa possível “venda” de nome para as editoras, devido aos problemas de ordem financeira pelos quais a intelectual passou, sobretudo, na década de 1970. Posições extremas a parte, o fato é que o nome próprio Clarice Lispector assina 46 traduções para o português a partir do espanhol, do inglês e do francês entre 1941 e 1977, ano de sua morte. Esse fato nos leva a postular que a assinatura de uma obra, neste caso, de várias traduções, ajuda-nos a compreender melhor o projeto intelectual da escritora e revisitá-lo, provocando uma ampliação de leitura sobre uma escritora da qual parece não se ter mais o que dizer.

Vale ressaltar que essa dificuldade encontrada pelos críticos clariceanos para tratar do lugar da tradutora frente à sua literatura, de modo geral, talvez se dê porque a obra de Clarice fale por seu nome e muitas vezes assumo o lugar dele, em uma espécie de movimento metonímico. Porém, cabe ressaltar que não se trata somente disso. Parece-nos mais interessante, neste contexto de renovação do luto, perceber que além de tal nome prontamente nos posicionar frente a seu espectro mais conhecido, o de grande escritora modernista, ele mesmo (o nome) provoca uma autorrasura em sua própria assinatura, quando esta aparece inscrita em traduções de livros de gêneros variados, os quais, por sua vez, em princípio,

parecem nada remeter ao projeto literário da autora da prosa intimista perpetuado pela crítica. Mais audaciosamente, entendemos que o grande nome de Lispector construído por sua obra vê-se *renomado* por suas traduções, tal como uma assinatura que deixa entrever “Clarices” com as quais a crítica ainda se deparará.

Se a vida pode ser compreendida enquanto texto, ressalta da assinatura da escritora, então, uma marca *palimpsestosa* na qual um nome se sobrepõe a outro que ele não dissimula por completo (Cf. GENETTE, 2010, p. 142). Essa noção, ressalvadas as possíveis diferenças, sempre esteve em pauta quando a crítica tratou das origens do “nome” da escritora. Ora apresentada como brasileira, ora como russa, ucraniana ou judia exilada (tanto com relação à sua terra natal – Tchetchélnik, na Ucrânia –, quanto ao que se refere a uma espécie de exílio interno<sup>3</sup>), seja por amigos, críticos ou ela mesma; o fato que permanece é que Clarice foi várias ao mesmo tempo (Cf. GOTLIB, 2009, p. 27 – 39).

A menina imigrante com o nome de Haia, que em hebraico significa “vida” (Cf. FERREIRA, 1999, p. 26; GOTLIB, 2009, p. 33, 37) e, também, “clara” (Cf. GOTLIB, 2004, p. 8; GOTLIB, 2008, p. 43), ao chegar ao Brasil receberia o nome de Clarice. Apesar de aparentemente banal, esse fato sinaliza, logo de antemão, que a vida da futura escritora brasileira estaria desde sempre marcada pela “tradução”, inclusive a de seu “nome próprio” (Haia, Clara, Clarice...), por mais que Nádia B. Gotlib, nos capítulos iniciais de sua importante biografia sobre a escritora, sequer tenha mencionado junto às demais atividades exercidas por ela a profissão de tradutora à qual se dedicaria Lispector no decorrer da vida (Cf. GOTLIB, 2009, p. 37).

É como se o ato tradutório marcasse a biografia de Clarice desde o seu nascimento, ainda que não fosse registrado, assim como outras profissões, em documentos oficiais, reiterando a existência de algo problemático para a própria escritora: o incômodo com a nomeação em geral, de seu “nome próprio” (traduzido) e, por conseguinte, de sua assinatura. Talvez, o “outro nome” (Cf. MOSER, 2009, p. 57 – 58) trata-se de uma espécie de tradução, o que também não deixa de ser um nome outro, para que a criança judaica viva em um contexto que não o seu de origem, com o fim de deixar para trás o passado de perseguição e turbulência vivido por seus antepassados, conforme relata a irmã de Clarice, Elisa Lispector, em *Retratos antigos* (2012). Fato semelhante ocorre com os outros membros da família, sobretudo quando se observa a reprodução do passaporte familiar em russo (GOTLIB, 2008, p. 41) e sua tradução para o francês (FERREIRA, 1999, p. 32; GOTLIB, 2008, p. 42), no qual já aparece o destino dos Lispector: o Brasil.

---

FERREIRA. *A crítica em tempo de luto: 40 anos sem Clarice e a tradutora vista de longe*. *Belas Infieis*, v. 6, n. 2, p. 71-87, 2017.

Parece-nos que a “troca/tradução” dos nomes, em um primeiro momento, assume a função de adaptar a família além das fronteiras do Leste europeu e “apagar” sua origem judaica. Contudo, em um segundo, deixa ainda inscrito nos nomes próprios em português (seja na similitude da grafia ou do sentido) algo que rememore, embora esfumaçadamente, o passado dos Lispector, por mais que Clarice afirme nada se lembrar da viagem da família devido ao seu recém-nascimento e deixe “escapar”, em crônica de 1971, a seguinte conjectura: “devíamos todos ter a cara de imigrantes de Lazar Segall” (LISPECTOR, 1999, p. 349). Marca estrangeira também sobressalente nos nomes não “traduzidos/alterados” na versão em língua portuguesa do passaporte realizada a partir da tradução francesa, embora o nome da menina Haia já tivesse sido alterado em documentos pessoais, a exemplo de sua certidão de nascimento traduzida para o português em virtude da transferência da família de Recife para o Rio de Janeiro<sup>4</sup>.

Assim, o nome da criança estrangeira, até chegar à forma “Clarice”, passa por uma espécie de travessia cultural, cuja dinâmica é semelhante ao processo de uma tradução. Antoine Berman (2002, p. 79 – 95), ao mostrar que a tradução enquanto prova do estrangeiro esteve relacionada à noção formativa da *Bildung* no contexto alemão do século XVIII, deixa claro que há o registro de uma “viagem” para que as identidades se firmem, e o próprio se estabeleça a partir de um contato com a alteridade, o estranho. O mesmo pode ser relacionado à família Lispector no que tange à troca dos nomes, sobretudo no caso da menina Haia que, na fase adulta, se julga brasileira, mas traz em seu nome uma inscrição que remete a algo do passado, como se fosse um sujeito outro e, ao mesmo tempo, um sujeito mesmo. Clarice Lispector, antes de tudo um nome próprio que sob o véu de um “tornar-se-outro” “tornou-se-si”, para utilizarmos as felizes expressões de Berman a respeito dos processos tradutórios (2002, p. 82).

Se aceitável a premissa de que uma tradução é a conversão de um “original” em seu “outro”, seu “duplo” (Cf. CARVALHAL, 2003, p. 227), ao mesmo tempo semelhante e diferente, conceber a troca do nome da criança judaica como um movimento de tradução torna-se reflexão operante, principalmente no contexto diaspórico da família Lispector no início do século XX. A tradução do nome ocorre devido às necessidades culturais que a nova morada, o Brasil, obriga. Além do problema com o nome próprio “traduzido”, outros entraves se constataam ao observarmos as formas utilizadas pela escritora na exposição de seu nome. Ora visto como pseudônimo no início da carreira<sup>5</sup>, ora endeusado pela crítica com a publicação de *A paixão segundo G.H.* (1964), o nome de Clarice passou por situações de

---

FERREIRA. *A crítica em tempo de luto: 40 anos sem Clarice e a tradutora vista de longe.* *Belas Infâncias*, v. 6, n. 2, p. 71-87, 2017.

apagamentos e aparições. Se para a tradução, sua assinatura torna-se elemento legitimador, em outros casos, ela foi escondida, para não expor a grande escritora e os ofícios paralelos sem apuros literários aos quais se dedicava, a exemplo das páginas femininas.

Em função do grande nome de Clarice, Benjamin Moser chega a cogitar em nota explicativa de seu livro que Helena, irmã de Olga Borelli, teria feito algumas traduções para a escritora (Cf. MOSER, 2009, p. 613). Contudo, essa afirmação não passa de uma conjectura, pois carece de comprovação. Trata-se de um daqueles enigmas presentes na vida da intelectual, que nem mesmo as suas mais renomadas biografias conseguiram esclarecer, tornando-se um ponto cego não resolvido no seio da crítica. Por isso, o ofício da tradutora Clarice Lispector sempre recebeu um tratamento descuidado por parte de seus “grandes biógrafos”, para não dizermos mais pontualmente que foi visto com um olhar de soslaio, acrescido de uma pitada de negligência. Isso não quer dizer que não se encontre uma ou outra menção a esse ofício nas biografias redigidas sobre a escritora. Porém, vale ressaltar que, quando mencionado, tal ofício é exposto como insignificante, como bem fizera Benjamin Moser: “Seu trabalho de tradutora não foi notável” (MOSER, 2009, p. 492).

78

Talvez o trabalho da tradutora não tenha sido significativo para Moser, pois Clarice não traduziu somente grandes escritores da literatura universal, sem contar na falácia da possível ajuda que teria recebido. Auxiliada ou não, feitas a várias mãos ou não, o fato é que as inúmeras traduções assinadas nos levam a uma ponderação: o ofício tradutório de Clarice ajuda-nos a pensar melhor as condições nas quais a literatura é concebida num país como o Brasil. Nossos escritores, ainda que de grande prestígio, tiveram que se lançar a outras atividades (traduzir, entrevistar, escrever para jornais) para garantir seus sustentos. Esse é um fator relevante, sobretudo para se pensar o papel do escritor/intelectual em terras tupiniquins. Se o trabalho com a tradução não fosse notável frente ao projeto de Lispector, ela mesma não teria sempre comentado sobre ele quando indagada a respeito de sua profissão de “escritora”, como ocorre na entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som (MIS – RJ), um ano antes de sua morte:

Affonso Romano de Sant’Anna: (...) num país organizado, mais desenvolvido, uma escritora como você teria, por causa do que escreve, em decorrência, um nível de vida bastante tranquilo. *Acho que a posição de Clarice reflete muito o problema do escritor brasileiro.*

Clarice Lispector: Um livro que faça sucesso de crítica nos Estados Unidos enriquece o escritor! Um livro!

Marina Colasanti: Todos os seus livros fizeram sucesso e você continua fazendo conferências, traduções... (LISPECTOR, 2005, p. 167).



Desse modo, falar de Clarice tradutora no momento de renovação do luto é, no mínimo, tocar no “problema do escritor brasileiro”, tomando emprestadas as palavras de Sant’Anna. Assim, depreendemos da entrevista de 1976 que fazer sucesso no Brasil e esperar por direitos autorais não garantiu à escritora seu sustento. Só não seriam tão notáveis os 46 títulos traduzidos por Clarice e publicados por quase dez editoras diferentes (sem contar as versões não publicadas), se desconsiderássemos todo o contexto a partir do qual a própria literatura da escritora foi pensada. Queremos dizer que o espaço cultural de Clarice não pode ser deixado de lado, quando se pensa na projeção de seu perfil escritural ou intelectual e, até mesmo, biográfico; ou seja, “o chão histórico (...) da experiência intelectual” (SCHWARZ, 2012, p. 29 – 30) faz toda a diferença, pelo menos neste caso.

Se, por um lado, alguns dos maiores estudiosos de Clarice fazem vistas grossas às suas tarefas de tradução, por outro, podemos elencar uma pequena lista de críticos (o termo “pequena” refere-se à quantidade de estudos existentes frente à suntuosa crítica que se dedica à Clarice por mais de 70 anos) que se detiveram, por razões obviamente distintas, nas traduções executadas pela escritora, a saber:

Tabela 1 – Estudos críticos que mencionam o ofício da tradutora Clarice Lispector e/ou elegem a tradutora e suas traduções como objeto de estudo<sup>6</sup>.

<b>Autor(es)</b>	<b>Texto</b>	<b>Título da publicação (estudo, livro ou periódico)</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Ano de publicação</b>
Eliane Vasconcellos	“Produção intelectual – Tradução”	<i>Inventário do arquivo Clarice Lispector</i>	Inventário	1993
Renata Ruth M. Wasserman	“Clarice Lispector tradutora, em <i>A paixão segundo G.H.</i> ”	<i>Clarice Lispector: a narração do indizível</i>	Artigo	1998
Instituto Moreira Salles	Guia – “De corpo inteiro”	<i>Cadernos de literatura brasileira: Clarice Lispector</i>	Levantamento de referências	2004
André Luís Gomes	“A tradutora”	<i>Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro</i>	Capítulo de Livro	2007
Edgar César Nolasco	“Clarice Lispector	<i>Cerrados: Revista do</i>	Artigo	2007

	tradutora”	Programa de Pós-Graduação em Literatura. Literatura e presença: Clarice Lispector		
Nádia Batella Gotlib	“Traduções e adaptações”	<i>Clarice Fotobiografia</i>	Capítulo de Livro	2008
Eneida Nalini Oliveira	“Clarice, tradução em processo”	<i>Anais do Seminário Internacional Clarice em cena: 30 anos depois</i>	Artigo	2008
Nádia Battella Gotlib	Bibliografia de Clarice Lispector – Traduções	<i>Clarice: uma vida que se conta (reedição)</i>	Levantamento de referências	2009
Norma Andrade da Silva e Marie-Hélène Catherine Torres	“Clarice Lispector”	<i>Dicionário de tradutores literários no Brasil</i>	Verbetes	2011
Rony Márcio Cardoso Ferreira	_____	<i>Entre estrelas, readeiras e datilógrafas: um exercício de tradução em Clarice Lispector</i>	Dissertação de mestrado	2012
Lúcia Peixoto Cherem	“As readeiras e as cerzideira ou a metafísica do instante”	<i>As duas Clarices entre a Europa e a América: leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec</i>	Capítulo de Tese / Capítulo de Livro	2003 / 2013
<b>Autor(es)</b>	<b>Texto</b>	<b>Título da publicação (estudo, livro ou periódico)</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Ano de publicação</b>
Jean-Claude Lucien Miroir	_____	<i>Fúria e melodia – Clarice Lispector: crítica (d)e tradução</i>	Tese de doutorado	2013
Rony Márcio Cardoso Ferreira	“Traduzir pode correr o risco de não parar nunca”: Clarice Lispector tradutora (um arquivo)	<i>Belas Infieis</i> : Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília	Arquivo	2013

Marcílio Garcia de Queiroga	_____	<i>A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantojuvenis do gênero aventura</i>	Tese de doutorado	2014
Eneida Nalini Oliveira	_____	<i>Contribuições das reflexões do Círculo de Bakhtin para o estudo e prática da tradução: uma análise do datiloscrito de Clarice Lispector da peça The member of the wedding</i>	Tese de doutorado	2015
Vanessa Lopes Lourenço Hanes	_____	<i>The language of translation in Brazil: written representations of oral discourse in Agatha Christie</i>	Tese de doutorado	2015

Esse inventário crítico não visa a monumentalizar a história da crítica, traçando circuitos que relacionem críticos, perspectivas e objetivos distintos ligados por um objeto em comum: a tradutora Clarice Lispector. Os críticos e os textos que se voltaram à tradutora ocupam um lugar bem restrito no âmbito dos 70 anos dedicados, em cenário nacional e internacional, à Lispector e à sua produção. Porém, essa restrição não pressupõe menos importância, visto que, simultaneamente, refletem uma dupla e paradoxal emergência da crítica de hoje: o lugar da tradutora viu-se esquecido por importantes estudiosos que atribuíram valor à literatura de Clarice e uma face outra (a de tradutora) da escritora começou a ser esboçada em pontuais e esparsos papéis da crítica há mais ou menos uma década, quando já se comemoravam os 30 anos da morte de Lispector, os 30 anos de *A hora da estrela*, os 30 anos da partida do misterioso monstro sagrado da literatura brasileira.

Eneida de Souza (2014) salienta a importância de se pensar em uma história da crítica, não na intenção de abandonar ou banir as referências anteriores, nem tampouco viver somente de passado. Nas palavras da estudiosa, cada vez mais, há uma importância em se construir uma história da crítica, “mostrar os pontos positivos e negativos, as limitações teóricas daquela época e, ao mesmo tempo, trazer tudo isso para uma reflexão contemporânea. Penso que seria essa a leitura que o crítico contemporâneo tem de fazer, fazer história da crítica”

(SOUZA, 2014, p. 110). Parece-nos então que, nesse sentido, fazer história da crítica (inventariar perspectivas e colocá-las em confronto) é, de certa forma, (re)ler a crítica em sua própria diferença. Mais especificamente no campo dos estudos literários da tradução, reclamar um lugar à tradutora na constituição do projeto clariceano e na história da crítica especializada é, em certa medida, também redimensionar a importância da tradução nos estudos de crítica literária, visto que um dos meios de sobrevivência da literatura é a própria tradução.

Em apurado ensaio, Maurício Cardozo (2015), ao problematizar a importância de uma crítica centrada na diferença (tanto na diferença entre original e tradução, quanto na própria noção de diferença veiculada por meio da tradução), afirma ser imprescindível a existência de trabalhos que insiram o tradutor na história. Aproximando as proposições de Cardozo ao nosso interesse pela tradutora na história da crítica especializada, podemos dizer que há uma urgência na inserção de Lispector tradutora nas páginas da crítica e no projeto mais amplo desenvolvido pela intelectual na cultura brasileira. Nas palavras do crítico,

é fascinante, e de suma importância, o trabalho (...) que coloque a tradução e os tradutores *na história*. E o crescimento desse campo de pesquisa é um dos sintomas, discretos, mas evidente, do redimensionamento do lugar da tradução e dos tradutores em nossa sociedade (CARDOZO, 2015, p. 154, grifo do autor),

da tradução e dos tradutores na cultura, da tradução e dos tradutores na literatura brasileira, da tradução e dos tradutores na história da crítica, da tradução e dos tradutores nos estudos literários. Evocar o lugar da tradutora Clarice Lispector e tornar o ponto antes cego agora visível é, de certa forma, (re)ler não só a escritora conhecida mas também a própria crítica em sua diferença, pois o que é Clarice se não uma construção projetada por meio do discurso crítico?

Isso implica admitir que uma leitura da crítica clariceana em sua diferença efetua um movimento de continuidade e descontinuidade, simultaneamente, pois trazer ao cenário crítico uma Clarice escamoteada durante sete décadas é também elucidar as (con)tradições em que pode incorrer toda e qualquer crítica. (Con)tradição que deixou de lado a longa trajetória da tradutora nas projeções feitas da intelectual; (con)tradição que, em nosso caso, não busca obliterar, desconsiderar ou apagar acriticamente os mais de setenta anos em que especialistas, críticos, teóricos, professores e alunos voltaram-se à literatura inaugurada com *Perto do coração selvagem*. Entretanto, essa (con)tradição também não deixa de evocar a não-tradição da crítica quando a pauta de discussão é a escritora-tradutora, como se houvesse uma não-tradição da tradutora na história da crítica especializada em Clarice Lispector. Aqui, (re)ler a

crítica não é senão crucificá-la pelo não dito; é, antes de tudo, crer que “reler a tradição é sempre necessário, para que o termo tradição não se torne sinônimo de depósito – ou de museu – de cultura” (SISCAR, 2011, p. 84), museu de saberes, museu de valores. Evocar a pequena tradição crítica que se voltou à tradutora é colocar a crítica em crise, em um estágio eterno de estado crítico por meio do qual a reflexão torna-se realmente crítica. Logo, entra-se em crise graças à própria crítica, já que fazer crítica é estar decisivamente em crise, como quem involuntariamente segue “o chamado do cego” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Quanto ao tempo de luto, devemos reiterar que, para alguns, talvez seja um contrassenso evocarmos a morte da intelectual e trazer à vida seu espectro “desconhecido”. Entretanto, no caso de Clarice esse paradoxo faz todo o sentido, sobretudo se lembrarmos do projeto de vida e de morte sustentado em sua própria literatura, como declarado na crônica “As três experiências”, publicada em 11 de maio de 1968, no *Jornal do Brasil*:

O tempo corre, o tempo é curto: preciso me apressar, mas ao mesmo tempo viver como se esta minha vida fosse eterna. E depois morrer vai ser o final de alguma coisa fulgurante: morrer será um dos atos mais importantes de minha vida. Eu tenho medo de morrer: não sei que nebulosas e vias-lácteas me esperam. Quero morrer dando ênfase à vida e à morte (LISPECTOR, 1999, p. 102).

83

Assim, longe de endossarmos um “coro piegas” que lacrimaria a partida da escritora, esta reflexão no contexto de luto visa a conceder vida e visibilidade à tradutora na história de sua crítica e na constituição de seu grande nome. Em outras palavras, o luto, nesta intervenção, interessa-se pelo “quanto ao futuro” da crítica e da tradutora, principalmente em tempos da renovação do adeus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **Diário de luto**: 26 de outubro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Coleção Roland Barthes)

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Clarice Lispector. Edição especial, n. 17 e 18. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004.

CARDOZO, Maurício Mendonça. A lição bermaniana: implicações para a crítica e para uma história da tradução literária. In: SOUSA, Germana Henriques Pereira de (Org.). **História da**

**tradução:** ensaios de teoria, crítica e tradução literária. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015. (Estudos da Tradução – Volume 1). p. 143 – 156.

CHEREM, Lúcia Peixoto. **As duas Clarices entre a Europa e a América:** leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

FERREIRA, Rony M. Cardoso. **Entre estrelas, rendeiras e datilógrafas:** um exercício de tradução em Clarice Lispector. 2012. 186f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens: Teoria literária e Estudos comparados) – Centro de Ciências Humanas e Sociais da UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS). Disponível em: <https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/listar>. Acesso em: 11.09.2016.

\_\_\_\_\_. **Clarice Lispector:** uma tradutora em fios de seda (teoria, crítica e tradução literária). 2016. 366f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da UnB – Universidade de Brasília, Brasília (DF). Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23169>. Acesso em: 19.09.2017.

\_\_\_\_\_. Traduzir pode correr o risco de não parar nunca: Clarice Lispector tradutora (um arquivo). In: **Belas Infiéis:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, v. 2, n. 2, 2013. p. 175 – 204. Disponível em: <http://www.periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/10630/7696>. Acesso em: 29.03.2016.

FERREIRA, Teresa C. Montero. **Eu sou uma pergunta:** uma biografia de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GOMES, André Luís. **Clarice em cena:** as relações entre Clarice Lispector e o teatro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Finatec, 2007.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice:** uma vida que se conta. 6. ed. rev. e aum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Clarice Fotobiografia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Memória seletiva: A descoberta do mundo. In: **Cadernos de literatura brasileira:** Clarice Lispector. Edição especial, n. 17 e 18. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2004. p. 8 – 43.

HANES, Vanessa Lopes Lourenço. **The language of translation in Brazil:** written representations of oral discourse in Agatha Christie. 2015. 308f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (SC). Disponível em:

[http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Vanessa\\_Lopes\\_Lourenco\\_Hanes\\_-\\_Tese.pdf](http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Vanessa_Lopes_Lourenco_Hanes_-_Tese.pdf). Acesso em 14.09.2016.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

\_\_\_\_\_. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **Laços de família**: contos. Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **Outros escritos**. Organização de Teresa Montero e Lícia Manzo. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

LISPECTOR, Elisa. **Retratos antigos**: esboços para serem ampliados. Nádia Batella Gotlib (Org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MIROIR, Jean-Claude Lucien. **Fúria e melodia** – Clarice Lispector: crítica (d)e tradução. 2013. 475f. Tese (Doutorado em Literatura) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da UnB – Universidade de Brasília, Brasília (DF). Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15297/1/2013\\_Jean-ClaudeLucienMiroir.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15297/1/2013_Jean-ClaudeLucienMiroir.pdf). Acesso em 13.09.2016.

85

MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NOLASCO, Edgar César. Clarice Lispector tradutora. In: **Cerrados**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Literatura e presença: Clarice Lispector. v.16, n. 24. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2007a. p. 263 – 272.

OLIVEIRA, Eneida Nalini. **Contribuições das reflexões do Círculo de Bakhtin para o estudo e prática da tradução**: uma análise do datiloscrito de Clarice Lispector da peça *The member of the wedding*. 2015. 361f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, Araraquara (SP). Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127868/000846613.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09.09.2016.

\_\_\_\_\_. Clarice, tradução em processo. In. GOMES, André Luís (Org.). **Anais do Seminário Internacional Clarice em cena**: 30 anos depois. Ano 01, n. 01. Brasília: Departamento de Teoria Literária e Literaturas; Petry Gráfica & Editora, 2008. p. 133 – 135.

QUEIROGA, Marcílio Garcia de. **A voz da tradutora Clarice Lispector em livros infantojuvenis do gênero aventura**. 2014. 224 p. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC).

SILVA, Norma Andrade da; TORRES, Marie-Hélène Catherine. Clarice Lispector [Verbetes publicados em 9 de fevereiro de 2011]. In: GUERINI, Andréia [et. al.] (Orgs.). **Dicionário de tradutores literários no Brasil**. Florianópolis: NUPLITT – Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, 2005 – 2007. s.p. Disponível em: <http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/index.htm>. Acesso em: 09.09.2016.

SISCAR, Marcos. O inferno da tradução. In: WEINHARDT, Marilene; CARDOZO, Maurício Mendonça (Orgs.). **Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão**. Curitiba: UFPR, 2011. (Série Pesquisa, 179). p. 81 – 94.

SOUZA, Eneida Maria de. A crítica literária e o neolatino-americanismo. In: PEDROSA, Célia; SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tania (Orgs.). **Crítica e valor**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. (Coleção FCRB Aconteceu, 13). p. 645 – 655.

VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Inventário do arquivo Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1993.

WASSERMAN, Renata Ruth M. Clarice Lispector tradutora, em A paixão segundo G.H. In: ZILBERMAN, Regina [et. al.] (Orgs.). **Clarice Lispector: a narração do indizível**. Porto Alegre: Arte e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1998. p. 75 – 92.

**RECEBIDO EM:** 20 de setembro de 2017

**ACEITO EM:** 8 de novembro

**PUBLICADO EM:** dezembro de 2017

<sup>1</sup> O presente artigo é desdobramento de uma pesquisa maior, intitulada CLARICE LISPECTOR: uma tradutora em fios de seda (teoria, crítica e tradução literária), desenvolvida como tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Literatura (UnB), sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Germana Henriques Pereira, entre 2013 e 2016. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23169> Acesso: novembro 2017.

\* Rony Márcio Cardoso FERREIRA – Licenciado em Letras Português/Espanhol (2009) e Mestre em Estudos de Linguagens – Teoria Literária e Estudos Comparados (2012), pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor em Literatura – Literatura e Práticas Sociais (2016), pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor dos Cursos de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4462445638743563> E-mail: cardoso\_rony@hotmail.com

<sup>2</sup> Em certa medida, essas considerações são bem aplicáveis aos ensaios publicados em 2017, na edição comemorativa da editora Rocco aos 40 anos de *A hora da estrela*. Quatro dos seis “Ensaio inéditos” são nada mais que republicações de leituras críticas das décadas de 1970 e 1980, pontualmente datadas e já conhecidas, de grandes estudiosos da obra de Clarice. Vale ressaltar que apenas dois dos seis ensaios parecem ser realmente “inéditos” ao público brasileiro: “Uma paixão pelo vazio”, de Calm Tóibín, e “Uma leitura histórica de Clarice Lispector”, de Florencia Garramuño; ambos tornados públicos pela primeira vez, respectivamente, em 2011 e



---

2010, em virtude de traduções da obra clariceana para o inglês e o espanhol, assinadas por Mateus Kacowicz e Carlos Nougué.

<sup>3</sup> “Clarice era uma estrangeira. Não porque nasceu na Ucrânia. Criada desde menininha no Brasil, era tão brasileira quanto não importa quem. Clarice era estrangeira na terra. Dava a impressão de andar no mundo como quem desembarca de noitinha numa cidade desconhecida onde há greve geral de transportes” (CALLADO, *apud* GOTLIB, 2009, p. 22).

<sup>4</sup> Esses documentos traduzidos em português encontram-se reproduzidos em *Clarice Fotobiografia*, de Nádía B. Gotlib (2008), nas páginas 107 e 99, respectivamente.

<sup>5</sup> Em entrevista concedida a Julio Lerner em 1977, na TV Cultura, a própria escritora comentou sobre a complicada aparição de seu nome nos anos de 1940: “É um nome que, quando escrevi meu primeiro livro, Sérgio Milliet (eu era então completamente desconhecida, é claro) disse: ‘Essa escritora de nome desagradável, certamente um pseudônimo...’. Não era, era o meu nome mesmo” (LISPECTOR, *apud* LERNER, 2007, p. 20).

<sup>6</sup> Para uma leitura crítica detalhada deste Inventário, Cf. FERREIRA, 2016, p. 198 – 220.